

"Li de uma vez só! Divertidíssimo e envolvente, com um final que me deixou de queixo caído!" - **Freida McFadden**, autora de *A empregada*

NO RASTRO DA MENTIRA

Será que eu matei minha melhor amiga?

AMY
TINTERA



*Para Laura, Emma e Daniel.
Obrigada por terem tantas ideias.*

LUCY

Um apresentador de podcast resolveu arruinar minha vida, então decidi comprar um frango.

Sentada em minha baia na Assessoria de Investimentos Walter J. Brown, enquanto espero ser demitida, faço planos para esse frango. Faz duas horas que parei de fingir que estava trabalhando. Agora estou apenas olhando receitas no celular, sonhando em enfiar limões na bunda de uma galinha.

O frango é um pedido de desculpa para meu namorado.

É tipo aquele frango que as mulheres preparam para convencer o namorado a pedi-las em casamento, sabe? Só que esse é um frango do tipo “me desculpa por não ter contado que sou a principal suspeita do assassinato da minha amiga”.

Um pedido de perdão em forma de frango.

– Lucy?

Ergo o olhar e vejo meu chefe parado na porta da sala dele. Ele ajeita a gravata e dá um pigarro.

– Você poderia vir aqui um minuto? – pergunta.

Até que enfim. Está na cara que decidiram me demitir nessa manhã. Paredes de vidro em um escritório são sempre uma escolha estranha, especialmente quando se está em uma reunião com três outros gerentes e

nenhum deles consegue parar de olhar para a assistente, de quem claramente estão falando durante toda a conversa.

– É pra já – digo, colocando o celular no bolso e indo ao encontro dele na sala impecável.

Fico impressionada com a pureza do espaço, mesmo depois de quase um ano trabalhando para ele. Não há nada nas paredes bege. Nenhuma caixa empilhada em um canto. A mesa está completamente vazia, com exceção do monitor e do teclado. Todas as noites, quando Jerry Howell sai de seu escritório, não deixa absolutamente nenhuma evidência de sua presença. Provavelmente não faz ideia do próprio talento para ser um assassino em série.

Mas ele tem só 40 e poucos anos. Ainda tem muito tempo para começar um novo hobby.

Eu me sento na cadeira do outro lado da mesa e tento assumir uma expressão agradável. Uma que não revele que estou tranquilamente imaginando-o matar pessoas.

(Um efeito colateral de ser acusada de homicídio é que a gente passa muito tempo pensando no assunto. A gente se acostuma com isso.)

Jerry levanta o braço para tocar o cabelo e, em seguida, cruza rapidamente as mãos em cima da mesa. Ele faz muito isso. Acho que costumava mexer no cabelo com frequência, mas agora está ficando careca e o corte é bem rente ao couro cabeludo.

– Sinto muito, Lucy, mas vamos ter que te dispensar – diz ele, para surpresa de ninguém.

Assinto.

– Infelizmente, precisamos reduzir a equipe. – Ele encara um ponto bem atrás do meu ombro em vez de olhar para mim. – Os assistentes vão acumular funções. A Chelsea vai trabalhar comigo e com o Raymond. Sinto muito.

Chelsea está sendo muito prejudicada mesmo. O dobro de trabalho, tudo por causa de um podcast de true crime.

– Entendo.

Eu me levanto. Jerry parece aliviado por eu não fazer um escândalo.

Pela infeliz parede de vidro do escritório, já vejo um segurança parado ao lado da minha mesa. É o procedimento-padrão quando alguém é

demitido, mas não deixo de notar que todas as três assistentes com quem divido a baia fugiram do local.

Acho que não vão rolar drinques do tipo “sinto muito que você tenha sido demitida por ser suspeita de homicídio”.

Minha mesa não é tão imaculada quanto a de Jerry, e preciso de um tempinho para recolher minha caneca, minha garrafa de água, minha bolsa e vários tubinhos de protetor labial. O segurança me encara durante todo o processo.

Ele me conduz pelo escritório, agora silencioso, até o elevador, enquanto todos observam ou fingem não ver. Chelsea parece irritada.

Entro no elevador. A porta se fecha.

O segurança se inclina na minha direção com um sorriso. Um de seus dentes da frente se sobrepõe ao outro.

– E aí, foi você? Foi você quem matou ela?

Suspiro.

– Não sei.

– Sério? Essa é a verdade?

A porta do elevador se abre novamente com um *plim*. Saio e olho para trás a fim de encará-lo.

– A verdade não importa.

LUCY

Talvez seja injusto dizer que um podcast arruinou minha vida.

Tecnicamente, minha vida foi destruída na noite em que Savvy foi assassinada.

E foi destruída de novo no dia seguinte, quando decidi dar um passeio bem cedo com o sangue dela secando no meu vestido.

E pela terceira vez quando todos na minha cidade natal concluíram que fui *eu* quem a matou.

Mas o fato de um apresentador de podcast levar o caso a público, cinco anos depois, não *melhora* muito minha vida.

Vou preparar o frango de pedido de desculpa porque meus ex-colegas de trabalho não são os únicos que estão ouvindo a mais nova temporada do podcast de true crime apresentado por Ben Owens. Meu namorado, Nathan, estava estranho quando chegou em casa do trabalho ontem à noite. Era tarde, ele cheirava a cerveja e estava me evitando. Claramente alguém deu um toque nele.

Para ser sincera, nunca tive a intenção de contar. Ele não tem interesse em quase nada além de si mesmo. Não imaginei que o assunto fosse vir à tona.

Já conheci muitos homens egocêntricos, mas Nathan é o campeão. É o que mais gosto nele. Não consigo nem me lembrar da última vez que ele

me fez uma pergunta pessoal. Quando lhe contei que tinha sido casada por dois anos, aos 20 e poucos, ele disse: “Tranquilo, quer ir ao cinema?”

Tenho certeza de que ele deve ter pesquisado meu nome no Google em algum momento no início do relacionamento, mas o caso não havia chamado a atenção da mídia nacional e eu nunca cheguei a ser presa pelo crime, então é preciso fuçar um pouco mais para encontrar algo sobre mim. É esforço demais para Nathan.

Mas agora, graças ao meu podcaster menos favorito, homicídio é a primeira coisa que aparece quando alguém pesquisa “Lucy Chase” no Google. Por isso estou fazendo esse bendito frango e me preparando para levar um pé na bunda. Logo depois de ser demitida.

Para ser justa com o merda do Ben Owens, Nathan e eu provavelmente não teríamos continuado juntos por mais do que um ou dois meses, mesmo sem um assassinato surpresa no caminho. Estávamos namorando havia apenas três meses quando ele sugeriu que eu fosse morar com ele. Meu contrato de aluguel ia vencer e ainda estávamos naquela fase em que se transa o tempo todo, então pareceu lógico. Eu já dormia lá toda noite mesmo.

Infelizmente, essa fase terminou cerca de duas semanas depois que me mudei. Não tenho dúvidas de que Nathan se arrependeu da decisão, mas ele é o tipo de pessoa que evita conflitos a todo custo. Portanto, estamos morando juntos há dois meses, embora eu tenha certeza de que nenhum de nós esteja muito empolgado com isso.

Que sirva de lição para todos os caras que não conseguem lidar com conflitos: cresçam e deem um pé na bunda da namorada, ou podem acabar morando com uma suspeita de homicídio por tempo indeterminado.

A porta da casa se abre e Brewster corre para receber Nathan, abanando o rabo.

Eu estaria mentindo se dissesse que essa carinha peluda e amarela de labrador não pesou na minha decisão de continuar morando com esse homem. Ele pode ser um cara totalmente medíocre, mas tem um ótimo gosto para cães.

Para apartamentos também. O estúdio recém-reformado de 85 metros quadrados com lava-louça e lavadora/secadora de roupas está além de tudo que já consegui pagar em Los Angeles. Embora tenha esses pisos de taco cinza e bancadas de mármore branco brilhante que saíram

de moda, ainda são um nítido sinal de que você está pagando um aluguel capaz de horrorizar as pessoas na maior parte do país.

– E aí, carinha?

Nathan passa um bom tempo fazendo carinho no cachorro, evitando olhar para mim.

– Que cheiro bom.

– Eu fiz frango.

Ele se levanta e finalmente olha para mim. Sua atenção se volta para o frango que está esfriando no fogão.

– Ótimo.

Nathan afrouxa a gravata e a tira, desabotoando o colarinho. Eu adorava vê-lo fazer isso. Ele sempre estica o pescoço para um lado quando solta o botão superior, e acho isso bem sexy. Toda vez que ele chegava em casa, eu parava o que estava fazendo e pulava em seu colo para lhe dar um beijo. Passava as mãos em seu cabelo escuro, perfeitamente penteado para o lado por conta do trabalho, e o bagunçava um pouco, porque achava melhor desse jeito.

Ele percebe que o estou encarando e de repente parece alarmado.

– Eu... é... vou me trocar.

Então entra no quarto feito um furacão, como se eu fosse persegui-lo para ganhar um beijo.

Pego um garfo e uma faca de trinchar. O frango agora parece má ideia. Talvez eu não me importe o suficiente para pedir desculpa pelo que quer que seja.

No entanto, vou ter que encontrar um novo lugar para morar se Nathan me botar para fora daqui, e os proprietários tendem a fazer exigências irritantes, como comprovante de renda.

Espeto o frango no momento em que Nathan entra na sala. Ele engole em seco, o pomo de adão subindo e descendo, e me imagino enfiando o garfo diretamente em seu pescoço. As duas pontas deixariam dois buracinhos sangrentos, como uma mordida de vampiro.

Com a faca na outra mão, eu o encaro, segurando minhas armas, esperando. Quero que ele fale primeiro. É ele que claramente acha que sou uma assassina, então ele que tome a iniciativa. Tenho certeza de que essas são as regras.

Eu o encaro. Ele me encara.

Por fim, ele pergunta:

– Como foi o trabalho?

– Fui demitida.

Ele se aproxima de mim enquanto vai em direção à bancada ao lado da geladeira.

– Legal. Quer vinho? Vou tomar um vinho.

Espero até que assimile o que eu disse, mas ele apenas pega a garrafa de vinho, indiferente.

Cravo a faca no frango, bem entre o peito e a coxa. Talvez tenha feito um pouco mais de força que o necessário.

Nathan toma um susto. Sorrio.

Nesse ritmo, ele vai acabar casado com uma assassina.

**Podcast *No Rastro da Mentira*,
com Ben Owens**

EPISÓDIO UM:
"A MENINA MAIS AMOROSA DO MUNDO"

Maya Harper: Ela saiu ileso, e todo mundo sabe disso. Todo mundo em Plumpton sabe que Lucy Chase matou a minha irmã. Só que ninguém tem como provar.

Maya Harper tinha 18 anos quando sua irmã mais velha, Savannah, foi assassinada. Ela descreve Savannah como uma mulher divertida e amorosa, o tipo de pessoa capaz de organizar uma festa em menos de uma hora e fazer com que parecesse ter levado o mês inteiro.

Maya: Ela era muito simpática e acolhedora com todos. E era a melhor irmã do mundo. Quando ela estava no ensino médio, às vezes me levava junto quando saía com as amigas. E a gente nem tinha idades próximas. Ela era seis anos mais velha que eu. Eu não conhecia nenhuma irmã mais velha que deixasse uma garotinha de 10 anos ir aos jogos de futebol junto com ela.

Maya estava feliz em falar comigo, mas não acreditava que eu fosse descobrir algo novo.

Maya: Você sabe que a minha família contratou três investigadores particulares diferentes, né? Tipo, meus pais não desistiram. Não sei se ainda há algo para descobrir.

Ben: Estou ciente, sim.

Maya: Mas acho que mal não faria. Quer dizer, já se passaram cinco

anos e parece que ninguém mais se importa com a morte da Savvy. Todo mundo desistiu.

Uma observação rápida: você frequentemente vai ouvir as pessoas que conheciam Savannah se referirem a ela como "Savvy". Era assim que a maioria das pessoas a chamava.

Ben: Quer dizer que vocês nunca receberam nenhum retorno da polícia, do promotor nem de ninguém?

Maya: Não nos últimos anos. Todo mundo sabia que tinha sido a Lucy, só não conseguiam provar, acho.

Ben: Nunca houve nenhum outro suspeito?

Maya: Não. Quer dizer, a Lucy estava coberta com o sangue da Savvy quando foi encontrada. Tinha pele da Savvy sob as unhas da Lucy, e no braço da Savvy havia arranhões e hematomas que batiam com o formato dos dedos da Lucy. As pessoas viram as duas brigando no casamento. A Lucy matou ela. Matou minha irmã e saiu impune, porque aquele departamento de polícia inútil disse que não havia provas suficientes para justificar a prisão.

Ben: Você teve algum contato com a Lucy recentemente?

Maya: Não, nenhum desde que ela foi embora de Plumpton. Ela nunca mais voltou, embora os pais ainda morem aqui.

Ben: Até onde você sabe, ela continua afirmando que não se lembra da noite em que a Savannah morreu?

Maya: Sim, essa foi a história dela.

Ben: Você acredita?

Maya: É claro que não. Ninguém acredita.

É verdade que ninguém acredita em Lucy Chase? Ela está escondendo algo ou o povo de Plumpton passou cinco anos acusando uma mulher inocente de assassinato?

É o que vamos descobrir.

Eu sou Ben Owens, e este é o podcast *No Rastro da Mentira*, no qual desvendamos todas as mentiras que as pessoas contam e chegamos à verdade.

LUCY

Nathan, como bem se vê, não tem colhões.

Comemos frango. Bebemos vinho. Brinquei com a faca gigantesca só para vê-lo suar. Ele falou de trabalho.

Não perguntou se eu era uma assassina.

A essa altura, estou curiosa para saber quanto tempo isso vai durar. Está na cara que ele já queria terminar o namoro havia algum tempo e agora tem medo de que eu o mate. Será que vai lembrar que tem bolas e realmente dizer em algum momento próximo “Por favor, saia da minha casa e nunca mais entre em contato comigo”?

O lado positivo é que tenho mais tempo para procurar outro lugar para morar enquanto aguardo o inevitável. Hoje de manhã encontrei um quarto e sala muito promissor, que não exigia comprovação de renda. Nas fotos parece uma pocilga, e o proprietário pediu uma foto dos meus pés quando enviei o e-mail, mas, bem, é barato.

Às vezes acho que minha versão de 22 anos ficaria absolutamente horrorizada com minha versão de quase 30. Aquela recém-casada reluzente e presunçosa, com uma casa de quatro quartos, estava tão certa de que tinha a vida planejada e de que tudo aconteceria do jeito que ela queria...

Adivinha só, babaca?

Sem muito entusiasmo, também me candidatei a algumas vagas de

emprego ao longo do fim de semana e já recebi a negativa de uma delas. Ultimamente, minha sorte está de matar.

Mas, para ser sincera, não quero um novo emprego. Publiquei três romances usando um pseudônimo, e o terceiro está vendendo alguns exemplares. É uma reviravolta inesperada, considerando que poucas pessoas compraram meus dois primeiros livros, mas significa que tive que trabalhar dobrado no terceiro, para não perder o ritmo.

E talvez, com um pouco de sorte, ele comece a vender o suficiente para eu não ter que me preocupar em arrumar outro emprego monótono e entediante que pague as contas.

É claro que agora tenho que me preocupar com o fato de um podcaster lançar uma luz ofuscante sobre meu passado e com a possibilidade de alguém descobrir que sua nova comédia romântica favorita foi escrita por uma suspeita de homicídio. Ninguém além da minha agente, da minha editora e da minha avó sabe sobre minha carreira de escritora, mas sou o assunto favorito dos detetives amadores da internet.

Esse pensamento me atormenta durante todo o fim de semana. Na segunda-feira de manhã, corro alguns quilômetros a mais na esteira da academia do prédio de Nathan e depois vou ao mercado, porque preciso afogar as mágoas com chocolate. Muito chocolate.

Os mercados nunca estão vazios em Los Angeles, mesmo em dia de semana, porque ninguém aqui tem um emprego de verdade. Desvio de uma mulher ao telefone na entrada; ela usa uma calça legging que provavelmente custa mais do que o meu look completo, mas que deixa a bunda dela linda.

Viro o carrinho para a seção de hortifrúti. Talvez compre algo para cortar bem picadinho na frente de Nathan.

(Uma pessoa mais legal diria apenas “E aí, ouviu falar do podcast, não foi?” e acabaria com o sofrimento dele. Eu deveria tentar ser menos babaca. Amanhã, quem sabe.)

Uma mulher loira e magra dá batidinhas com o dedo em uma abóbora e faço um grande esforço para não me imaginar esmagando a cabeça dela com a abóbora.

Fracasso. Esmagar coisas, como bem se vê, é um ponto fraco meu.

Fico imaginando se a abóbora ficaria inteira mesmo depois de esmagar

uma cabeça humana. Provavelmente explodiria, e a pessoa acabaria com dor de cabeça e abóbora na cara toda.

A mulher ergue a cabeça e percebe que estou olhando para ela. Sorrio como se não estivesse imaginando espancá-la até a morte. Ela se afasta, lançando um olhar alarmado para trás na minha direção.

Eu realmente deveria tentar ser menos babaca.

Não quero pensar em homicídio, mas aparentemente não consigo parar. Não faço isso com todo mundo, mas já me imaginei matando bastante gente.

A mania começou pouco tempo depois da morte de Savvy. Todo mundo dizia que eu era uma assassina, e eu não podia refutar a acusação com certeza, então comecei a pensar em todas as maneiras diferentes por meio das quais eu *poderia* ter matado minha amiga. Achava que, se pensasse em opções suficientes, talvez encontrasse algo que despertasse alguma lembrança.

Até o momento, não deu certo. Mas talvez um dia eu descubra sem querer. Vou me imaginar matando uma garçonete com meu copo de milk-shake vazio e tudo vai vir à tona. *Ah, sim! Foi isso mesmo! Savvy e eu estávamos discutindo sobre qual milk-shake é melhor, morango ou chocolate, aí fiquei furiosa e matei ela com meu copo. Pode me algemar, senhor policial!*

Eu realmente gostaria que a polícia tivesse encontrado a arma do crime. Isso teria me poupado de muitos assassinatos imaginários.

Meu celular toca. Olho para a tela e vejo a palavra vovó, o que não me surpreende. Além dos operadores de telemarketing, minha avó é a única pessoa que usa o telefone para a função que ele foi originalmente concebido.

Atendo a ligação e coloco o celular no ouvido.

– Oi, vovó.

O cara ao meu lado me dá um pequeno sorriso, como se aprovasse o fato de eu estar falando com minha avó. Empurro o carrinho até um canto, em frente aos repolhos.

– Lucy, meu amor! Oi. Você está ocupada? Estou atrapalhando?

Ela sempre pergunta se está atrapalhando, como se achasse que eu tenho uma agenda social lotada. Eu nem sequer tenho amigos próximos. Apenas alguns conhecidos do trabalho, que sem dúvida nunca mais vão falar comigo.

– Não, estou só fazendo compras – respondo.

- Como está o Nathan?
- Ele... Sabe como é. Nathan.
- Você sempre fala isso, mas não sei o que quer dizer. Nunca vi o sujeito.
- Ele está bem.
- Entendi. - Ela dá um pigarro. - Escuta. Quero te pedir um favor.
- O que é?
- É só um favorzinho, de verdade, e eu queria te lembrar que estou à beira da morte.
- Faz vinte anos que você diz que tá à beira da morte.
- Bem, então, pela lógica, estou mesmo chegando perto!
Ela dá uma gargalhada.
- Você tá bêbada?
- Lucy, são duas da tarde. É claro que não estou bêbada. - Ela faz uma pausa. - É só um pilequinho.
Engulo uma risada.
- Qual é o favor?
- Decidi fazer uma festa de aniversário. Das grandes. Estou fazendo oitenta anos, você sabe.
- Sei.
- Sei mesmo. O aniversário da minha avó é o único do qual me lembro sem a ajuda do calendário.
- Você vem, né?
- A voz dela é esperançosa. Merda.
- Não posso dar essa festa sem minha neta favorita presente.
Agora ela havia apelado.
- Sabia que não é de bom-tom me dizer que sou a favorita, quando você tem três netos?
- Nós duas sabemos que a Ashley e o Brian são dois paspalhos.
- Acho que mesmo assim a gente precisa fingir que gosta deles.
- Bem. Não posso dar uma festa de aniversário só com os paspalhos.
Eu daria risada se não fosse o pavor cada vez maior.
- Você acha que consegue tirar folga no trabalho? - pergunta ela.
- Fui demitida.
- Ah, perfeito! Quer dizer, sinto muito - acrescenta ela, apressada.
- Você sabe que eu não gostava daquele trabalho mesmo.

– Retiro as desculpas. Parabéns por ter sido demitida.

– Obrigada.

– Já que agora você está com tanto tempo livre, que tal uma visita mais longa? Uma semana? Já conversei com sua mãe, e ela falou que você pode ficar com eles o tempo que quiser.

– Uma semana? – pergunto, tão alto que uma mulher que estava passando toma um susto.

– Bem, está sendo tudo de última hora, e sua mãe quebrou a perna... Vamos precisar de ajuda pra organizar tudo. Eu diria para você ficar comigo, mas não tem espaço, é claro.

A perspectiva de passar um dia na minha cidade natal já é ruim, mas *uma semana inteira?*

Sete dias no lugar onde já tinha sido bem-sucedida, casada e com muitos amigos que invejavam minha (falsa) felicidade. Seria o oposto de um retorno triunfal: cinco anos depois, voltar para lá como uma mulher divorciada, desempregada e sem amigos. Não posso nem mesmo dizer às pessoas que publiquei três livros. Estremeço quando o spray de água é ligado e borriфа meu braço e também os repolhos. Eu me afasto um pouco.

– A menos que você prefira trazer o Nathan e ficar num hotel. Tenho certeza que sua mãe entenderia se você ficasse em um hotel se vier com ele.

Eu me imagino, por um breve momento, convidando Nathan para ir comigo a Plumpton, no Texas. Fico pensando se isso não seria o suficiente para que ele enfim me largasse. Visitar a cena do crime provavelmente é ir longe demais, até mesmo para ele.

– Você pode dizer não. – Ouço um tilintar do outro lado, como cubos de gelo contra vidro. – Sei que deve estar muito ocupada...

– Você sabe que eu nunca estou ocupada.

– É muito estranho você sempre dizer isso. As pessoas da sua idade geralmente têm muito orgulho de ser ocupadas. Uma das moças da igreja já me disse umas cem vezes que é muito ocupada. Estou começando a pensar que isso pode ser um pedido de ajuda.

– Você também conversou com o meu pai? Sobre eu ficar com eles?

– Claro que não. Eu evito conversar com seu pai sempre que possível. Mas a Kathleen falou com ele. Nós não iríamos simplesmente falar pra você aparecer do nada.

– Ele nunca gostou de surpresas.

– Nunca. Isso significa que você vem?

Fico olhando para a abóbora e penso em esmagar minha própria cabeça com ela.

– Lucy?

Pisco, aturdida.

– Desculpe. Abóbora.

– Não compre abóbora, você está vindo para o Texas!

– Ai, meu Deus.

– Né?

Ela está esperançosa de novo.

Dou um suspiro. Não posso dizer não ao único membro da família de quem gosto. Uma das únicas *pessoas* de quem gosto.

– Tá. Eu vou pro Texas.

Uma voz suave, uma voz que sempre tento ignorar, sussurra no meu ouvido: *Vamos matar...*

Agarro o celular com mais força e ignoro a voz.

– Ah, que maravilha! Você acha que o Nathan vai querer vir?

Respiro fundo. A voz parece ter desaparecido.

– Acho que ele não consegue escapar do trabalho.

– Ah, sim, claro. Bem, então vou comprar uma passagem de avião só pra você. Consegue vir neste fim de semana?

– Não precisa fazer isso.

– Que bobagem, eu faço questão. Além do mais, vou estar morta logo, logo.

É possível que todos nós estejamos mortos em breve, mas parece pouco provável.

– Claro, neste fim de semana. – Reconsidero a última afirmação que ela fez. – Peraí, você tá doente?

– Não que eu saiba, mas meus amigos estão morrendo feito moscas, então na verdade é só uma questão de tempo.

– É assim que se fala.

– Escuta, eu não tenho dirigido muito, mas provavelmente consigo ir até Austin pra te buscar. Se meu carro pegar, é claro. Nunca se sabe hoje em dia.

- Não se preocupa com isso. Vou alugar um carro. E vou me hospedar em um hotel.

- Bem, sua mãe não vai gostar disso.

Aperto a ponte do nariz.

- E... Lucy?

- Oi?

- Ouviu falar do podcast, né? Que fala sobre você?

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Este e outros títulos do nosso catálogo estão
disponíveis em audiolivro.